

## “Canção de Piratas”:

Antônio Conselheiro e Victor Hugo na crônica de Machado de Assis

Daniela Callipo

UNESP

### **Resumo:**

*Este artigo pretende analisar a crônica escrita por Machado de Assis em 1894, intitulada “Canção de Piratas”. Nesse texto publicado no jornal “Gazeta de Notícias”, o escritor brasileiro comenta a importância crescente de Antônio Conselheiro e lembra um poema de Victor Hugo para reclamar o direito à liberdade e à imaginação.*

*A canção machadiana em favor dos piratas do sertão que atravessavam um oceano nada pacífico destaca-se não apenas em sua obra jornalística: o autor quis dar-lhe um título - postura rara em relação às suas crônicas - e selecionou-a para republicá-la em livro, indicando valorizá-la. O protesto feito à perseguição dos seguidores de Antônio Conselheiro torna-se, desse modo, um documento da história e uma bela página da literatura, marcada pela presença revigorante da poesia de Victor Hugo.*

### **Abstract:**

*This article intends to analyze the chronicle written for Machado de Assis in 1894, intitled “Song of Pirates”. In this text published in the periodical “Gazeta de Notícias”, the Brazilian writer comments the increasing importance of Antônio Conselheiro and remembers to a poem of Victor Hugo to complain the right to the freedom and the imagination.*

*The machadiana song for the pirates of the hinterland who crossed an ocean nothing pacific is distinguished not only in his journalistic workmanship: the author wanted to give a heading to it - rare position in relation to his chronicles - and selected it to republicar it in book, being indicated to value it. The done protest to the persecution of the followers of Antônio Conselheiro becomes, in this manner, a document of history and a beautiful page of the literature, marked for the revigorante presence of the poetry of Victor Hugo.*

**Palavras-Chave:** *crônicas de Machado de Assis, Antônio Conselheiro e poesia de Victor Hugo*

**KEY-WORDS:** *chronicles of Machado de Assis, Antonio Conselheiro and poetry of Victor Hugo*

**MOTS-CLÉS:** *chroniques de Machado de Assis, Antonio Conselheiro et poésie de Victor Hugo*

**PALABRAS CLAVES:** *chronicles del Machado de Assis, Antônio Conselheiro y la poesía del Victor Hugo*

**E**m 1874, o jornal *O Rabudo* publicou a primeira notícia a respeito de Antonio dos Mares, um "aventureiro santarrão" que trajava uma enorme camisa azul, possuía um "ar misterioso", cabelos muito espessos e sebosos "entre os quais se vê claramente uma espantosa multidão de bichos (piolhos)". O jornal sergipano afirmava ter o "misterioso personagem" arrebatado muitos fiéis a quem ele pregava a doutrina de Jesus Cristo:

Suas prédicas consistem na proibição dos chales de merinó, botinas, pentes; e não comer-se carne e coisas doces nas sextas e sábados. Tem levantado latadas em diversos lugares e por onze dias arrastado o povo a seus conselhos sendo tudo bem semelhante a uma missão, de cujas ordens se acha revestido. (22/11/1874)

O periódico pedia providências a respeito, convocando o Governo Imperial a capturar o "misterioso saltimbanco", a fim de prevenir os males que ele poderia causar à sociedade.

Antônio Vicente Mendes Maciel iniciaria, a partir de então, uma peregrinação de vinte anos, até seu estabelecimento definitivo em Canudos, onde fundou a comunidade do Belo Monte e foi morto em 1897, após uma luta de quase dois anos, a qual mobilizou a maior força militar já montada no Brasil desde a Guerra do Paraguai. Em seguida à quarta expedição, os combatentes da República invadiram o Arraial e queimaram cinco mil e duzentas vivendas, degolando crianças, mulheres e homens que resistiram lutando. Antônio Conselheiro morreria antes de ver seu sonho destruído; mas seu corpo, desenterrado pelos soldados, foi decapitado e queimado .

Em 22 de julho de 1894, Machado de Assis publica na coluna "A Semana" do jornal carioca *Gazeta de Notícias*, esta crônica intitulada "Canção de Piratas":

Telegrama da Bahia refere que o Conselheiro está em Canudos com 2.000 homens (dois mil homens) perfeitamente armados. Que Conselheiro? O Conselheiro. Não lhe ponhas nome algum, que é sair da poesia e do mistério. É o Conselheiro, um homem, dizem que fanático, levando consigo a toda a parte aqueles dois mil legionários. Pelas últimas notícias tinha já mandado um contingente a Alagoinhas. Temem-se no Pombal e outros lugares os seus assaltos.

Jornais recentes afirmam também que os célebres clavinoteiros de Belmonte têm fugido, em turmas, para o sul, atravessando a comarca de

Porto Seguro. Essa outra horda, para empregar o termo do profano vulgo que odeio, não obedece ao mesmo chefe. Tem outro ou mais de um, entre eles o que responde ao nome de Cara de Graxa. Jornais e telegramas dizem dos clavinoteiros e dos sequazes do Conselheiro que são criminosos: nem outra palavra pode sair de cérebros alinhados, registrados, qualificados, cérebros eleitores e contribuintes. Para nós, artistas, é a renascença, é um raio de sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela e a alma. É a poesia que nos levanta do meio da prosa chilra e dura deste fim de século. Nos climas ásperos, a árvore que o inverno despiu, é novamente enfolhada pela primavera, essa eterna florista que aprendeu não sei onde e não esquece o que lhe ensinaram. A arte é a árvore despida; eis que lhe rebentam folhas novas e verdes.

Sim, meus amigos. Os dois mil homens do Conselheiro, que vão de vila em vila, assim como os clavinoteiros de Belmonte, que se metem pelo sertão, comendo o que arrebatam, acampando em vez de morar, levando moças naturalmente, moças cativas, chorosas e belas, são os piratas dos poetas de 1830. Poetas de 1894, aí tendes matéria nova e fecunda. Recordai vossos pais; cantai, como Hugo, a canção dos piratas:

En mer, les hardis écumeurs!  
Nous allions de Fez à Catane ...

Entraí pela Espanha, é ainda a terra da imaginação de Hugo, esse homem de todas as pátrias; puxai pela memória, ouvireis Espronceda dizer outra canção de pirata, um que desafia a ordem e a lei, como o nosso Conselheiro. Ide a Veneza; aí Byron recita os versos do Corsário no regaço da bela Guiccioli. Tornai à nossa América, onde Gonçalves Dias também cantou o seu pirata. Tudo pirata. O romantismo é pirataria, é banditismo, é a aventura do salteador que estripa um homem e morre por uma dama.

Crede-me, esse Conselheiro que está em Canudos com os seus dois mil homens, não é o que dizem telegramas e papéis públicos. Imaginai uma legião de aventureiros galantes, audazes, sem ofício nem benefício, que detestam o calendário, os relógios, os impostos, as reverências, tudo o que obriga, alinha e apruma. São homens fartos desta vida social e pacata, os mesmos dias, as mesmas caras, os mesmos acontecimentos, os mesmos delitos, as mesmas virtudes. Não podem crer que o mundo seja uma secretaria de Estado, com o seu livro de ponto, hora de entrada e de saída, e desconto por faltas. O próprio amor é regulado por lei: os consórcios celebram-se por um regulamento em casa do pretor, e por um ritual na casa de Deus, tudo com a etiqueta dos carros e casacas, palavras simbólicas, gestos de convenção. Nem a morte escapa à regulamentação universal; o finado há de ter velas e responsos, um caixão fechado, um carro que o leve, uma sepultura numerada, como a casa em que viveu ... Não, por Satanás! Os partidários do Conselheiro lembraram-se dos piratas românticos, sacudiram as sandálias à porta da civilização e saíram à vida livre.

A vida livre, para evitar a morte igualmente livre, precisa comer, e daí alguns possíveis assaltos. Assim também o amor livre. Eles não irão às vilas pedir moças em casamento. Suponho que se casam a cavalo, levando as noivas à garupa, enquanto as mães ficam soluçando e gritando à porta das casas ou à beira dos rios. As esposas do Conselheiro, essas são raptadas em verso, naturalmente:

Si hauteesse aime les primeurs,  
Nous vous ferons mahométane ...



Maometana ou outra coisa, pois nada sabemos da religião desses, nem dos clavinoteiros, a verdade é que todas elas se afeiçoarão ao regímen, se regímen se pode chamar a vida errática. Também há estrelas erráticas, dirão elas, para se consolar. Que outra coisa podemos supor de tamanho número de gente?

Olhai que tudo cresce, que os exércitos de hoje não são já os dos tempos românticos, nem as armas, nem os legisladores, nem os contribuintes, nada. Quando tudo cresce, não se há de exigir que os aventureiros de Canudos, Alagoinhas e Belmonte contem ainda aquele exíguo número de piratas da cantiga:

Dans la galère capitane,  
Nous étions quatre-vingts rameurs,

mas mil, dois mil, no mínimo. Do mesmo modo, ó poetas, devemos compor versos extraordinários e rimas inauditas. Fora com as cantigas de pouco fôlego; vamos fazê-las de mil estrofes, com estribilho de cinqüenta versos, e versos compridos, dois decassílabos atados por um alexandrino e uma redondilha. Pélion sobre Ossa, versos de Adamastor, versos de Encélado. Rimemos o Atlântico com o Pacífico, a via-láctea com as areias do mar, ambições com malogros, empréstimos com calotes, tudo ao som das polcas que temos visto compor, vender e dançar só no Rio de Janeiro. Ó vertigem das vertigens!

Quando Machado de Assis escreveu sua crônica para a *Gazeta de Notícias*, o líder religioso cearense já se instalara às margens do rio Vaza-Barris havia onze meses. Entretanto, o período mais turbulento da trajetória de Antônio Conselheiro ainda estava por acontecer. Seria preciso esperar dois anos para que a comunidade do Belo Monte se tornasse notícia nos jornais. De fato, a leitura dos periódicos publicados em 1894 demonstra serem outros os assuntos cujo conteúdo chamava a atenção dos leitores.

*O Estado de São Paulo* ignorou a sociedade conselheirista e brindou seus leitores com a leitura de "A mulher do defunto" de Alexis Bouvier; comentou exaustivamente a Revolução Federalista e a Revolta da Armada e publicou artigos extensos a respeito do conflito luso-brasileiro que levaria ao rompimento de relações entre os dois países. Os paulistanos se deliciaram com os comentários acerca da estréia da ópera *O Guarani* de Carlos Gomes e lamentaram a morte de personagens ilustres, como o General Jardim, Leconte de Lisle e Beaurepaire Rohan. Ficaram chocados com o assassinato do Presidente da República Francesa e vibraram com a eleição de Prudente de Morais. Da Bahia, leram notícias curtas sobre um bando de desordeiros em confronto com a polícia.

A *Gazeta de Notícias* também não trouxe informações relativas a Antônio Conselheiro. Começou o ano dando destaque a aspectos curiosos da vida do sultão da Turquia, publicou o folhetim "O remorso de um anjo" de Adolphe d'Ennery e teceu comentários elogiativos acerca da estréia da ópera *Ruy Blas* no Politeama Fluminense e da peça *Os Miseráveis* no Teatro São Pedro de Alcântara. Os assuntos mais importantes daquele ano foram a revolta no sul do país, as eleições presidenciais e o assassinato de Sadi Carnot por um anarquista italiano. Lamentou-se a morte do Conselheiro Dantas e condenou-se a postura do Capitão Louzada, acusado de bigamia. Em setembro, telegramas da Bahia indicaram conflitos na cidade de Andaraí: o governo teria enviado para o local "100 praças" do regimento policial a fim de "abafar as desordens." Em outubro, foi morto naquele estado o "célebre bandido" Volta Grande que "prendia a atenção pública e oficial, assolando as localidades do interior". Um mês depois, outro telegrama trouxe notícias alvissareiras indicando reinar a tranqüilidade no estado baiano, "graças às medidas tomadas pelo governador e comandante de polícia." O ano findou com o saldo positivo da Exposição Geral de Belas Artes e com o Festival Concerto José de Alencar no Cassino Fluminense em benefício da estátua do autor de *Iracema*.

Como se vê, o cronista havia buscado o "mínimo e o escondido" para escrever sua colaboração daquela semana. Talvez, ele ainda nem imaginasse o desenrolar daquelas "migalhas da história" colhidas na seção "Telegramas". Com o passar dos meses, porém, a comunidade de Belo Monte passou a ser destaque na imprensa e a provocar acaloradas discussões.

Machado de Assis retomará o assunto em 13 de setembro de 1896, mais de dois anos depois, quando comenta um telegrama da Bahia a respeito de Manuel da Benta Hora que se intitulava profeta e possuía um grande número de seguidores. A imprensa baiana exigia a captura do pregador e o comparava a Antônio Conselheiro. O colaborador da *Gazeta*, que já mencionara o nome do fundador da comunidade do Belo Monte, parece ter esquecido de quem se tratava: "Sim, creio recordar-me que andou por ali um oráculo de tal nome; mas não me



ocorre mais nada. Ocupado em aprender a minha vida, não tenho tempo de estudar a dos outros." (ASSIS, 1962, p.277, Vol. 3)

Três meses depois, volta a escrever a respeito de Antônio Conselheiro, o "homem do dia" que teria "arrebanhado" três mil seguidores. Propõe lhe tiremos o chapéu, pois tal proeza é rara, embora o ache "detestável" e não seja digno de imitação. Comenta a notícia de que o líder de Canudos desejava destruir as instituições republicanas e discorda de sua intenção de conquistar o Rio de Janeiro, aconselhando-o a ficar no sertão, "onde os bichos ainda não jogam nem são jogados", longe da Rua do Ouvidor, "viveiro dos boatos". (IDEM, p.346-352).

Em 1897, o cronista começa o ano indignado com os rumos que a trajetória de Antônio Maciel tomava. A perseguição feita ao líder de Canudos tornava-se cada vez mais intensa e o colaborador da *Gazeta* resolve protestar contra as investidas militares na Bahia. Mais uma vez, relaciona as pregações do suposto profeta com a poesia romântica:

Os direitos da imaginação e da poesia hão de sempre achar inimiga uma sociedade industrial e burguesa. Em nome deles protesto contra a perseguição que se está fazendo à gente de Antônio Conselheiro. Este homem fundou uma seita a que se não sabe o nome nem a doutrina. Já este mistério é poesia /.../ Não se sabendo a verdadeira doutrina da seita, resta-nos a imaginação para descobri-la e a poesia para floreá-las. Estas têm direitos anteriores a toda organização civil e política. /.../ Que vínculo é esse, repito, que prende tão fortemente os fanáticos ao Conselheiro? Imaginação, cavalo de asas, sacode as crinas e dispara por aí a fora; o espaço é infinito. Tu, poesia, trepa-lhe aos flancos, que o espaço, além de infinito, é azul. Ide, voai, em busca da estrela de ouro que se esconde além, e mostrai-nos em que é que consiste a doutrina deste homem. /.../ A perseguição faz-nos perder isto; acabará por derribar o apóstolo, destruir a seita e matar os fanáticos. A paz tornará ao sertão, e com ela a monotonia. A monotonia virá também à nossa alma. Que nos ficará depois da vitória da lei? A nossa memória, flor de quarenta e oito horas, não terá para regalo a água fresca da poesia e da imaginação, pois seria profaná-las com desastres elétricos de Santa Teresa, roubos, contrabandos e outras anedotas sucedidas nas quinta-feiras para se esquecerem nos sábados. (IBIDEM, p.401-407)

No mesmo ano, em 14 de fevereiro, o cronista afirma ser Antônio Conselheiro uma celebridade. Ele testemunhara o diálogo entre uma senhora e um vendedor de jornais, em que aquela pergunta a este se havia alguma folha com o retrato "desse homem que briga lá fora". O narrador sugere seja escrita a

verdadeira história do arraial "quando acabar esta seita", prevendo um "capítulo interessante" a respeito da vida daquele Messias, no qual seria estudado "o fervor dos bárbaros e a preguiça dos civilizados". Euclýdes da Cunha publicaria *Os Sertões* seis anos mais tarde, obra cujo objetivo não era apenas acrescentar um "capítulo interessante" a respeito de Canudos, mas realizar uma verdadeira denúncia do que considerou um "crime" cometido pelas "exigências crescentes da civilização". (CUNHA, 2000, p. 1-2)

Em 1894, o colaborador da *Gazeta de Notícias* cita Victor Hugo, "esse homem de todas as pátrias" para retratar a situação de Belo Monte, convidando os leitores a recordar seus pais e a cantar a "Chanson de Pirates." Este poema faz parte das *Orientales*. Escrito em 1828, descreve a travessia de Fez a Catane feita por um navio de piratas que transportava cem escravos cristãos para o palácio do líder otomano:

Nous emmenions en esclavage  
Cent chrétiens, pêcheurs de corail;  
Nous recrutions pour le sérail  
Dans tous les moutiers du rivage.  
En mer, les hardis écumeurs!  
Nous allions de Fez à Catane ...  
Dans la galère capitane  
Nous étions quatrevingts rameurs. (HUGO, 1988, p.74)

Quando avista um convento, o bando decide ancorar. Surge a seus olhos a figura de uma "fille du monastère" que dormia tranqüilamente, "sourde à leurs rumeurs". Os piratas decidem raptá-la e obrigam-na a segui-los, pois desejavam vendê-la para o sultão. A freira tenta escapar, "pleure, supplie, appelle", mas seus clamores não são ouvidos e os "fils de Satan" arrastam-na até a embarcação:

Plus belle encor dans sa tristesse,  
Ses yeux étaient deux talismans,  
Elle valait mille tomans;  
On la vendit à sa hauteesse.  
Elle eut beau dire: Je me meurs!  
De nonne elle devint sultane ...  
Dans la galère capitane  
Nous étions quatrevingts rameurs (IDEM, p. 75)



A notícia a respeito da comunidade de Belo Monte leva Machado de Assis a pensar na "Chanson de Pirates", equiparando sertanejos e corsários. Estes deixavam a terra em busca de aventuras, desrespeitando as leis, obedecendo somente ao comandante do navio, roubando, vendendo escravos, ignorando os códigos impostos pela sociedade. O grupo heterogêneo que cercava Antônio Maciel abandonava suas casas à procura da salvação de suas almas. Voltava-se contra o sistema republicano e seguia os mandamentos de seu líder: para esses "heróis decaídos", não havia presidente, nem ministros, nem estados, havia fome, miséria e isolamento. Aguardava a volta de D. Sebastião, único soberano capaz de resolver os problemas desta vida; a fé em Cristo dava-lhes força e coragem para seguir a "romaria" em direção ao paraíso. Tal comportamento provocou a desconfiança do governo brasileiro, que se viu obrigado a combater o avanço dos conselheiristas. Para a jovem República, tratava-se de um grupo cujo objetivo era derrubar as conquistas de 15 de novembro de 1889:

O que era beatice, incidente comum na vida sertaneja, passava a ser um crime, a ameaça ao regime, a ação revolucionária onde logo se vislumbrariam as atividades conspiratórias de monarquistas de dentro e fora do país, enviando recursos em dinheiro, víveres e armas, assistindo Antônio Conselheiro, para incendiar o sertão, a partir daquele foco de Canudos e alastrar o movimento restaurador da Monarquia! (SILVA, 1975, p. 63)

Diante dos piratas, o mar bravio; diante dos recalcitrantes legionários de Canudos, a terra árida. Atrás deles, o rompimento com as "instituições garantidoras de um destino na terra" (CUNHA, 2000, p. 159). Na crônica machadiana, realiza-se a profecia do beato: "o sertão virará praia e a praia virará sertão".

Poesia francesa e história brasileira entrelaçam-se. Os "dois mil homens do Conselheiro" invadem cidades e levam consigo moças "cativas, chorosas e belas", assim como os piratas do poema hugoano derrespeitam a santidade de um convento e raptam uma religiosa, fazendo dela uma prisioneira, cuja beleza era acentuada conforme cresciam o ultraje e a indignação. Nem poderia ser diferente,

eles não iriam "às vilas pedir moças em casamento". Também roubam e saqueiam, mas "a vida livre, para evitar a morte livre, precisa comer".

Na vida errática, encontram sentido. Ignorados pelas camadas dominantes, recuperam sua identidade ao pertencer a um grupo. Readquirem seu amor próprio. Na cantiga das *Orientales*, os corsários cumprem o dever ditado pelo capitão com orgulho: "En mer, les hardis écumeurs!"; no sertão brasileiro, os "fanáticos" estropiados, famintos, enfrentam com júbilo as forças militares para proteger seu chefe sacerdotal. Sentem-se

os eleitos, felizes por terem aos ombros os frangalhos imundos, esfiapados sambenitos de uma penitência que lhes fora a própria vida; bem-aventurados porque o passo trôpego, rememorado pelas muletas e pelas anquiloses, lhes era a celeridade máxima, no avançar para a felicidade eterna. (IDEM, p. 163)

Ao redor de Antônio Conselheiro, dois mil homens "perfeitamente armados". No navio pirata, "quatrevingts rameurs". Aumenta, portanto, no final do século, o número de párias. Já nos primeiros anos da República, desmorona o sonho de progresso e igualdade. O narrador da crônica explica o crescimento dessas "estrelas erráticas": "Olhai que tudo cresce, que os exércitos de hoje não são já os dos tempos românticos, nem as armas, nem os legisladores, nem os contribuintes, nada." Para os "cérebros alinhados, registrados, qualificados, cérebros eleitores e contribuintes" são "criminosos" aqueles que não seguem as normas ditadas pela elite civilizada. O colaborador da *Gazeta de Notícias* discorda: há uma "renascença" em 1894, "um raio de sol que, através da chuva miúda e aborrecida" doura a janela e a alma dos poetas. Os desordeiros de Canudos são as "folhas verdes e novas" rebentando na árvore despida, são os "piratas" de 1830, trazendo consigo o romantismo e um pouco de ar fresco ao Rio de Janeiro contaminado pelas "ambições com malogros" e "empréstimos com calotes".

Na "Canção de Piratas" composta por Machado de Assis, é sob o prisma romântico que os seguidores de Antônio Conselheiro são analisados. O narrador recusa-se a condená-los e descreve-os como os piratas dos poetas de 1830,



rebeldes inconformados com os valores europeus importados pelas categorias oficiais.

Para Raymundo Faoro (1974, p. 479)

O civilizado, entediado das convenções e das leis, apalpa o mistério por meio da poesia. Na óptica da rebeldia romântica, sem embargo da ironia que a desfigura, há a valorização do mundo em criação, com suas perspectivas próprias. O conteúdo religioso da revolta ainda está escondido no olhar estético.

Naquele ano de 1894, a notícia da existência de um grupo "que desafia a ordem e a lei", brilha como "um raio de sol" para o cronista aborrecido com a excessiva diplomacia dos povos civilizados, desencantado com a "prosa chilra e dura" daquele fim de século. Ele não aceita a versão oficial publicada nos jornais de que os fanáticos de Belo Monte eram bandidos perigosos, e delicia-se inserindo-os em um contexto romântico, esse movimento de negação "profunda e revolucionária", cujo objetivo era "redefinir não só a atitude poética, mas o próprio lugar do homem no mundo e na sociedade". (CÂNDIDO, 1981, p. 23, vol. 2). À razão e à inteligência dos "cérebros alinhados", contrapõe a fé, a inspiração, a desobediência. Conselheiro é o bardo de Canudos, o profeta regido por uma "vocação superior", assim como o vate hugoano, cuja missão é a de se colocar diante da sociedade e mostrar-lhe o caminho a ser seguido:

Il faut que le poète, épris d'ombre et d'azur,  
Esprit doux e splendide, au rayonnement pur,  
Qui marche devant tous, éclairant ceux qui doutent,  
Chanteur mystérieux qu'en tressaillant écoutent  
Les femmes, les songeurs, les sages, les amants,  
Devienne formidable à de certains moments. (HUGO, 1995, p. 78-79)

O poeta de Victor Hugo deve, como portador da verdade, protestar contra todo governo opressor e conclamar à justiça e aos sentimentos superiores. Este conceito tornou-se a base do pensamento romântico, configurando-se por meio da celebração da beleza, da religião, da grandiosidade e do respeito ao individualismo. Toda e qualquer situação pode ser relativizada, pois a literatura passa a ser a "manifestação de um ponto de vista, um ângulo pessoal"

(CÂNDIDO, 1981, p. 29, vol. 2). Até o crime pode ser interpretado como expressão do amor desenfreado:

Amor é vida; é ter constantemente  
Alma, sentidos, coração - abertos  
Ao grande, ao belo; é ser capaz de extremos,  
D'altas virtudes, té capaz de crimes!  
Compr'ender o infinito, a imensidade,  
E a natureza e Deus; gostar dos campos,  
D'aves, flores, murmúrios solitários;  
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,  
E ter o coração em riso e festa; (DIAS, 1983, p. 57)

Assim, os raptos e saques cometidos pelos seguidores de Antônio Conselheiro, podem ser vistos como a representação da liberdade individual. A "legião de aventureiros", na verdade formada por vaqueiros, beatos, criadores de gado e, "menos numerosos, gandaieiros de todos os matizes", não se conforma com o calendário, o relógio, os impostos, "tudo o que obriga, alinha e apruma", mas busca a autenticidade, a vida sem relógio de ponto, a morte sem a sepultura numerada. Em contato com a natureza, voltam às origens nacionais, desprezando os "gestos de convenção" importados pela elite ávida por copiar o mundo civilizado, europeu. O funcionário público Machado de Assis, parece encantar-se diante da indisciplina da comunidade de Belo Monte. Entremeando humor, nostalgia e tédio pelas regras da civilização, defende o líder religioso de Canudos. Para Brito Broca (1957, p. 110), ele também se regozija com os "apuros" vividos pelo governo republicano:

A crônica, como as outras, é moldada pelo tom humorístico da seção, mas apesar disso percebe-se um fundo sincero de simpatia pelo fanático Maciel. Já não podemos ignorar hoje que o escritor não vira com muitos bons olhos a República, sendo admissível portanto que, secretamente, se regozijasse com os apuros em que se encontrava o novo regime ante a resistência dos rebeldes.

Victor Hugo é chamado para ilustrar o pensamento do cronista e dar autoridade à sua teoria a respeito da defesa da liberdade. O poeta romântico, cuja desobediência às regras clássicas levou-o à famosa batalha do *Hernani*, vem ajudar o escritor fluminense na sua viagem ao passado pródigo em desafio às leis



e na busca da autenticidade. Mais uma vez, o escritor recorre a uma literatura estrangeira para dar conta, ainda que figuradamente, da realidade brasileira : o exilado de Guernesey, inimigo de Luís Napoleão, defensor dos oprimidos e da expressão individual representa a voz discordante, a rebeldia, a criação, o desapego à sociedade que sufoca, massacra e padroniza. O homem Oceano, para defender o homem Sertão. À prosa machadiana, integra-se o poema hugoano; o resultado, é uma crônica de cores românticas.

A viagem a 1830 é vertiginosa, extraordinária. Na opinião de Valentim Facioli, utópica, pois esse seria o caminho "da libertação das múltiplas formas repressivas que a sociedade organizada impõe sobre os indivíduos" (in: Bosi, 1982, p. 125). No final do século XIX, uma concepção romântica da literatura, que explora a temática do marginal, predomina sobre a "ordem e o progresso" da República.

Para iniciar a viagem ao início dos oitocentos, a conclamação aos poetas adormecidos de 1894, amordaçados pelas boas maneiras e o culto à forma, amantes da tradição pela tradição, cujo representante principal, Olavo Bilac, "será também o cantor cívico da bandeira, das armas nacionais e o didata hosanante das *Poesias Infantis*". (BOSI, 1985, p. 256)

Para guiá-lo nessa viagem, a poesia romântica do autor das *Orientales*, que desperta no aclamado escritor de cinquenta e cinco anos o Machadinho liberal, satírico, mordaz e apreciador de polêmicas, cujo engajamento como jornalista levou-o, tantas vezes, a manifestar-se contrariamente às versões oficiais da história. Desperta nele, igualmente, o Bruxo do Cosme Velho, profeta em sua própria terra, contrariando o provérbio, pois prevê que a perseguição aos conselheiristas acabaria por "derribar o apóstolo, destruir a seita e matar os fanáticos", levando a paz, mas também a monotonia ao sertão e às almas sedentas da "água fresca da poesia e da imaginação".

A canção machadiana em favor dos piratas do sertão que atravessavam um oceano nada pacífico destaca-se não apenas em sua obra jornalística: o autor quis dar-lhe um título - postura rara em relação às suas crônicas - e selecionou-a para republicá-la em livro, indicando valorizá-la. O protesto feito à perseguição dos

seguidores de Antônio Conselheiro torna-se, desse modo, um documento da história e uma bela página da literatura, marcada pela presença revigorante da poesia de Victor Hugo.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis - Antologia e Estudos*. São Paulo: Ática, 1982.
- \_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BROCA, Brito. *Machado de Assis e a Política e outros estudos*. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1957.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- HUGO, Victor. *Les Orientales/ Les Feuilles d'Automne*. Paris : Gallimard, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Les Contemplations*. Paris, GF Flammarion, 1995.
- MACHADO DE ASSIS .*Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1962.
- SILVA, Hélio. *O Poder Civil (1895-1910)*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1975.

Periódicos consultados

*O Rabudo*

*Gazeta de Notícias*

*O Estado de São Paulo*

